

“A MENTE, ESSA NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR”: MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA FEITA POR MULHERES NO MARANHÃO

Régia Agostinho da Silva *

Resumo: O presente artigo analisa duas obras de Maria Firmina dos Reis, o romance “Úrsula”, 1859 e o conto “A Escrava”, 1887, onde a autora maranhense, nascida em São Luís em 1825, discute a relação entre senhores e escravos, colocando-se como uma voz abolicionista no Maranhão do século XIX. Na análise dessas duas obras procura-se também discutir a autoria feminina no Brasil ao longo do século XIX.

Palavras-chave: história, literatura, mulheres

Abstract: The present article argues two workmanships of Maria Firmina dos Reis, the romance “Úrsula”, the 1859 and story “The Slave”, 1887, where the maranhense author, been born in São Luís in 1825, argues the relation between gentlemen and slaves, placing itself as a referring to abolitionism voice in the Maranhão of century XIX. In the analysis of these two workmanships are also looked to argue the feminine authorship in Brazil throughout century XIX.

Keywords: history, literature, women

INTRODUÇÃO

No dia 11 de agosto de 1860 o jornal “A Moderação” trazia em sua edição a seguinte notícia:

“ÚRSULA- Acha-se à venda na Tipografia do progresso, este romance original brasileiro, produção da exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu ensaio que revela de sua parte bastante ilustração; e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião, que desde já afiançamos não será desfavorável á nossa distinta comprovinciana.¹

É dessa maneira que a cidade de São Luís toma notícia da publicação do romance “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, nessa época com 35 anos, já professora concursada na cidade de Guimarães, interior da província.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão em 11 de outubro de 1825, no bairro de São Pantaleão e morreu em 1917, na vila de Guimarães, interior da província, para

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão. Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará.

¹ Jornal “A Moderação”, 11 de agosto de 1860. Biblioteca Benedito Leite. Setor Hemeroteca.

onde se mudou aos cinco anos de idade.

Inicia sua carreira literária com a publicação do romance “Úrsula” em 1859. Escritora, mestiça abolicionista, professora, responsável pela fundação da primeira escola mista, para meninos e meninas, no Maranhão. Publicou talvez o primeiro romance de autoria feminina no Brasil, “Úrsula” em 1859. (MORAIS FILHO: 1975)

Meu objetivo é acompanhar a trajetória de Maria Firmina dos Reis e sua obra, visto que a mesma dedicou grande parte dos seus trabalhos para discutir e debater a escravidão no Maranhão, tanto em seu principal romance, “Úrsula” de 1859, como no conto “A escrava” de 1887, assim como em diversos jornais do período, nos quais a escritora publicou poemas, charadas, sendo autora também da letra do hino de libertação dos escravos no Maranhão.

Fato singular porque nos idos do século XIX a escrita pública era uma prática considerada masculina, poucas mulheres se arvoraram no mundo das Letras, e quando faziam isso, na grande maioria das vezes, escreviam sobre fatos triviais, amores, poesias adocicadas, uma literatura perfumada de “bicos e bordados”, tocar em assuntos tão sérios, como a escravidão ou a abolição, era assunto de homem. (HOOCK-DEMARLE : 1991,171-172)

Apesar de algumas referências nos jornais do período tais como “O Noticiário”, “A Moderação”, “A Verdadeira Marmota”, “Jardim dos Maranhenses” e “A Imprensa”, o romance de Maria Firmina passou muito tempo no ostracismo, talvez pela singularidade de sua obra, talvez até mesmo pela singularidade da própria escrita de autoria feminina como aponta o noticiário de “A Verdadeira Marmota”:

Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias. Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland, uma Stael, uma Sand, uma H. Stowe, que vale cada uma delas mais do que bons escritores; porque reúne à graça do estilo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado que só o sexo amável sabe exprimir. Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na América do Norte, uma mulher, que, rompendo o círculo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por diante de preconceitos, apresentar-se ao mundo, servindo-se da pena e tomar assento nos lugares mais proeminentes do banquete da inteligência, mais grato e singular é ainda ter de apreciar um talento formoso, e dotado de muitas imaginações, despontando no nosso céu do Brasil, onde a mulher não tem quase educação literária, onde a sociedade dos homens de letras é quase nula.”²

A participação das mulheres no mundo da escrita, e principalmente da escrita pública

² Jornal “A Verdadeira Marmota”, 13 de maio de 1861.

era bastante reduzida no século XIX, a participação feminina naquilo que Henriques Leal intitulou “Pantheón Maranhense”(LEAL:1987) é pouca, visto que se pensarmos historicamente, as mulheres passaram muito tempo sem acesso a educação e a possibilidade da escrita.

Maria Firmina foi autodidata, por esforço próprio conseguiu romper a cadeia da exclusão das mulheres no mundo das Letras e mesmo assim quando publica o seu primeiro romance “Úrsula” em 1859, não ousa colocar o próprio nome na capa, é o romance feito “por uma maranhense” e também recorre àquilo que era praticamente comum a todas as escritoras do século XIX no Brasil, no prefácio de seu livro, um pedido de desculpa:

Mesquinho e humilde livro é esse que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, por que escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS: 2004,13)

Nesse sentido, Maria Firmina tem clareza que o lugar que ela tenta ocupar no mundo das Letras era de difícil acesso para as mulheres. Pede desculpas, reconhece que por ser mulher sua tarefa era mais árdua, porque teria que enfrentar muitos obstáculos, afinal contrariando a morfologia, no século XIX, a palavra é masculina, o que fica para as mulheres é silêncio.

Maria Firmina, assim como muitas escritoras do século XIX, passou muito tempo no ostracismo, sendo “resgatada”, por José Nascimento Morais Filho em 1975 na sua obra “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”, onde o autor reúne escritos de Maria Firmina em alguns jornais, depoimentos de ex-alunos e alunas de Firmina e reedita os contos “A escrava” e “Gupeva”. No mesmo ano Horácio de Almeida reedita “Úrsula” em edição fac-símile.

A terceira edição de “Úrsula” só saiu em 1988, no centenário da abolição, para mais uma vez, a autora ser relegada ao esquecimento, sendo revista só em 2004, pela Editora Mulheres, que publica a 4ª edição do romance Úrsula e reedita também o conto “A Escrava”.

Maria Firmina é considerada por muitos críticos a primeira romancista brasileira, já que Nísia Floresta Brasileira Augusta ao publicar seu romance-panfleto “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” em 1832 teria feito uma livre tradução do livro de Mary Wollstonecraft escritora inglesa que em 1792, publicou “Vindications of the rights of woman”

(Reivindicação dos direitos da mulher), no qual defendia, para as meninas, educação igual àquela a que os meninos tinham acesso. Embora que para a principal estudiosa de Nísia Floresta, Constância Lima Duarte, o que Nísia teria feito, seria uma adaptação desse romance para a realidade brasileira

Também podemos lembrar de Teresa Margarida da Silva e Orta, que ao publicar “Aventuras de Diófanes” em 1752, seria para alguns críticos a primeira mulher brasileira a publicar romance. Mas para Heron de Alencar o livro:

Não é brasileiro, não diz respeito ao Brasil, nem exerceu a mínima influência em nossa literatura. Sua autora aqui apenas nasceu, é de completa formação européia, e o livro é confessadamente uma imitação de Fenélon, não pode ser incluído nos quadros da literatura brasileira (ALENCAR: 1975)

Polêmica a parte, o que percebo nos escritos de Maria Firmina dos Reis, é o caráter audacioso de sua obra, como já dito aqui, falar de “bicos e bordados”, fazer uma determinada literatura “de perfumaria” era algo permitido e até bem visto para as moças de boa família, pelo menos a partir da segunda metade do século XIX. Escrever alguns versos, publicar em algum jornal, ter seus álbuns de recordação escrita, era até considerado de bom tom, mas escrever contra a escravidão, colocar os cativos para falar nos seus escritos, criticar a sociedade hodierna, não deve ter sido fácil. Tanto que apesar de Nascimento Morais Filho afirmar que as obras de Firmina tiveram uma boa acolhida na sociedade maranhense, o seu esquecimento e silenciamento me fazem pensar o contrário. O silêncio e o esquecimento nesse caso são reveladores ou pelo menos instigadores. Como aponta Eduardo de Assis Duarte:

O resultado é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais um século. Sílvia Romero e José Veríssimo a ignoram. E muitos dentre os expoentes de nossa historiografia literária canônica fazem o mesmo, à exceção de Sacramento Blake e Raimundo de Menezes (DUARTE: 2004, 267)

Maria Firmina dos Reis fez muito mais do que uma literatura de embelezamento, escritora abolicionista, dedicou boa parte de sua obra a discutir a questão da escravidão, o romance “Úrsula” de 1859 e o conto “A Escrava” de 1887 são obras em que percebo claramente a inserção de Firmina no âmbito da discussão abolicionista.

Nesse sentido o romance “Úrsula” como também o conto “A escrava” me ajudam a

entender a lógica social da vida desses cativos, pelo menos, através do ponto de vista e do olhar de Maria Firmina dos Reis, que inserida em seu contexto social, pode me ajudar, a saber, um pouco mais sobre a vida dos escravos no Maranhão do oitocentos.

O romance “Úrsula” trata-se de uma narrativa romântica onde Tancredo e Úrsula sofrem uma série de dificuldades para conseguirem vivenciar sua paixão romântica, pois o tio de Úrsula deseja a sobrinha para si. Senhor de escravos, cruel, o comendador P. assassina o então noivo de Úrsula Tancredo. A jovem Úrsula por conta desse acontecimento acaba enlouquecendo e levando seu tio também a loucura e a morte por desgosto de ter desgraçado a vida da sobrinha, isso após a morte da pobre Úrsula.

No entanto, instigantes mesmo, no romance, são as personagens cativas que através de seus atos e falas nos deixam perceberem escravos que não são apenas pobres vítimas da escravidão, mas que atuam, rebelam-se contra o senhor cruel e falam com a amargura sobre a sua situação. A personagem preta Suzana é exemplar, quando denuncia na narrativa como foi seu processo de transladação para o nosso país:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos.! (REIS:2004,117)

Se pararmos para pensar, Maria Firmina publicou o romance “Úrsula” em 1859, portanto dez anos antes da publicação do famoso poema “Navio Negreiro” de Castro Alves, de 1869, onde o poeta fazia a denúncia da viagem dos cativos nos porões dos navios negreiros,. Ora, isso nos atesta mais uma vez o pioneirismo de Maria Firmina. Assim como sua ousadia e coragem de falar e denunciar assunto tão delicado, visto que sabemos que o tráfico de escravos, já estava proibido no Brasil, desde 1850, com a Lei Eusébio de Queiróz.

Podemos perceber também que no romance Úrsula, os três personagens escravos, Túlio, preta Suzana e Antero, falam sobre a escravidão numa perspectiva de crítica, falam também da saudade da África, da diáspora. Preta Suzana, mais uma vez, fala da saudade que sente de sua terra natal:

-Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! - Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranqüila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo se respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias (REIS:2004,115)

Diferentemente dos demais romances abolicionistas, como por exemplo, “A escrava Isaura” (1875) de Bernardo Guimarães, onde a personagem quando se pronunciava era sempre para lamentar a triste sorte de ter nascido escrava, mesmo sendo branca, de ter nascido cativa, mesmo tendo tantos dotes: dotes de senhorinhas, de sinhás. Isaura quando se lamentava, não era contra a escravidão, por que como escrava, era passiva, submissa, refém da crueldade de um senhor verdugo. O que Isaura lamentava era sua situação paradoxal, por que branca se escrava, por que cheia de dotes se cativa? (MARTIN:1988)

A obra de Bernardo Guimarães, mesmo abolicionista, não avança muito sobre a discussão da escravidão. “A escrava Isaura” de 1875 retrata como já disse uma situação paradoxal. Por que para seu narrador, Isaura não deveria ser cativa, apenas tinha nascido assim, por uma má sorte, por um capricho do destino.

O que percebo no romance “Úrsula” de 1859, nos contos “A Escrava” de 1887, no conto “Gupeva” de 1865, nos hinos que compôs, pois também era compositora, autora do hino de libertação dos escravos no Maranhão, assim como de sua obra poética, espalhada em diversos jornais do período entre eles “Jornal do Comércio”, “A Moderação”, “A Verdadeira Marmota”, “Jardim dos Maranhenses”, “A Imprensa”, é que Maria Firmina dos Reis construiu uma voz dissonante sobre a escravidão e a forma de falar sobre os cativos no Maranhão e também na literatura brasileira no período. Pioneira, enquanto escritora de romance, abolicionista, fundadora da primeira escola primária mista para meninos e meninas, no interior de Guimarães.

Outra característica importante de ser salientada é que Maria Firmina dos Reis, figura como uma das poucas mulheres negras abolicionistas no século XIX. Pois sabemos que a campanha abolicionista no Brasil, principalmente na segunda metade do século XIX, foi perpetrada por abolicionistas homens, em sua grande maioria branca, filhos da elite escravocrata, que se formaram no exterior. Voltaram ao país com os ideários positivistas,

liberais e abolicionistas, pois só livrando o país da “mancha negra da escravidão”, poderia o Brasil figurar no rol das nações desenvolvidas.³

O que me impressiona em Maria Firmina dos Reis, é sua formação autodidata, sua voz dissonante e pioneira na literatura brasileira em relação à abolição, já que como já salientei, Firmina constrói a imagem do escravo numa outra perspectiva, visto que o escravo de Firmina é aquele que tem individualidade, que é colocado em pé de igualdade, com os personagens brancos, o escravo de Firmina, não é vítima da escravidão, passivo diante da sociedade escravocrata. O escravo firminiano é antes de tudo aquele que fala da África, que só reconhece a verdadeira liberdade, no tempo em que vivia naquela África saudosa e nostálgica.

A narrativa do romance Úrsula me deixa perceber claramente o sentido que Firmina constrói para a vida dos cativos aqui, colocando-os como personagens que falam sobre o tempo de liberdade na África, sobre a captura, o processo de viagem no Navio Negreiro, sobre as memórias de uma África ausente.

Nessa mesma perspectiva, publicou o conto “A escrava” em 1887, na “Revista Maranhense”.

A personagem principal, que não tem nome, só sabemos que se trata de uma senhora da sociedade, em meio há uma reunião social profere as seguintes palavras:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado. Ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...(REIS:2004,242)

O ano é 1887, um ano anterior a abolição da escravidão no Brasil, essas frases poderiam ter sido proferidas por vários abolicionistas no final do século XIX, afinal os argumentos se repetem: a escravidão emperrava o progresso do país, nos envergonhava frente as outras nações, atrapalhava o comércio, estávamos do ponto de vista desses senhores na contra-mão

³ No entanto é preciso salientar que tivemos algumas exceções como Luís Gama, André Rebouças e José do Patrocínio, negros abolicionistas. Sobre a trajetória de Luís Gama ver: Azevedo, Alciene. **Orfeu de carapinha: a trajetória de Luís gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. Sobre André Rebouças ver: COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. São Paulo: Global, 1982.

da História e de um processo civilizatório e industrial.

No entanto, a singularidade desse discurso, se deve a ser ele escrito por uma mulher, e mulher negra, maranhense, talvez a primeira escritora brasileira a publicar um romance, em 1859.

O próprio fato de ser uma mulher que clama contra a escravidão, já é singular, visto que mesmo nos romances, como o já citado “A escrava Isaura” de Bernardo Guimarães, a fala abolicionista está na boca dos personagens masculinos. Portanto ser uma mulher que se encontra em um salão e começa a proferir discurso contra a escravidão no Brasil, já é algo singular e ousado.

O que me interessa aqui é tratar a singularidade do conto “A escrava” e acompanhá-lo, no desenrolar de sua narrativa. O conto inicia-se pela narrativa de uma senhora que em meio a um salão nobre, conta a triste sorte da escrava Joana, que é perseguida por um feitor feroz, e acaba sendo protegida por essa senhora, que depois vem, a saber, que Joana é escrava de um senhor mal e cruel, que havia vendido seus filhos gêmeos, separando mãe e filhos e desde então Joana enlouquecera, ficando sob os cuidados de seu outro filho Gabriel, também cativo, também vítima das atrocidades, deste mesmo senhor.

Joana e Gabriel são protegidos pela senhora que narra a história, esta fazendo parte da sociedade abolicionista da província e também do Rio de Janeiro. A senhora enfrenta o proprietário e compra a alforria dos dois escravos. Mesmo assim, Joana morre enlouquecida.

Ao longo de todo o conto, os escravos falam, contam seus sofrimentos, têm a possibilidade de falar através da narrativa e não são escravos paradoxais. Pela fala da escrava Joana, percebo como a cativa enfrenta e sente na pele a escravidão:

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos- era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a que as lágrimas de uma pobre mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente. (...) A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvei ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante...Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos. (...) Ah! Minha senhora! (...) Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado o meu senhor, o feitor, e o infame traficante. Ele,e o feitor arrastavam sem coração,os filhos que se abraçavam a sua mãe. (REIS:2004,256)

São negros,cativos comuns como milhares de tantos outros que penavam, viviam e

morriam no jugo da escravidão. São vidas cotidianas, de cativos de lavoura, que não sabem tocar piano, não sabem ler nem escrever, não têm a beleza branca da casta Isaura.

Não são também apenas vítimas, afinal fogem e se rebelam, não aceitam passivamente a triste sina a que supostamente estavam condenados. Ora, podemos perceber que a escrita de Maria Firmina dos Reis pretendia de fato denunciar a escravidão e seus males. Numa sociedade ainda aristocrata, escravocrata e elitista do Maranhão ao fim do século XIX.

Para termos dimensão da delicadeza dessa temática basta lembramos a polêmica e alvoroço causado pela publicação do conhecido romance “O Mulato” de Aluísio Azevedo em 1881, seis anos antes, do conto de Firmina, onde Aluísio denunciava o caráter elitista e racista da sociedade ludovicense. No qual o mulato Raimundo é proibido de casar com Ana Rosa, filha de um comerciante local, pelo simples fato de sua cor, estigma que carregava e dizia qual era o lugar social que este, Raimundo, deveria ocupar. Nas palavras de Dona Bárbara, avó de Ana Rosa, Raimundo, era “o mulato”, “o cabra”, “o sujo”.

A fúria firminiana de 1887, no conto A Escrava, recaí sobre essa mesma sociedade elitista e escravocrata, que tratavam o escravo como coisa: “Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!” (REIS:2004,253)

Além dessas duas obras específicas sobre a questão da escravidão. Firmina escreveu muito mais. No livro “Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida” de Nascimento Moraes Filho, de 1975, o autor fez pesquisa minuciosa sobre a obra firminiana, onde acompanhamos, poemas, espalhados por muitos jornais da cidade, como também o conto “Gupeva” com temática indianista, mais uma vez encontramos nossa escritora, trabalhando uma temática delicada que era aquela da situação do indígena no nosso país.

Maria Firmina dos Reis construiu uma voz dissonante na literatura do século XIX, principalmente por ser uma mulher escritora, em um período no qual a escrita pública era quase exclusivamente masculina, é voz dissonante também por ser mulata, auto-didata e por escrever sobre os escravos em uma perspectiva completamente diferente do que foi colocado por outros literatos, como Bernardo Guimarães, José de Alencar, onde os cativos eram vistos como vítimas passíveis da escravidão ou como elementos perniciosos no contato com as famílias brancas. Para esses autores a escravidão precisava ser abolida por que antes de tudo ela era um grande mal para própria elite do país. Maria Firmina pensava de forma diferente, pela primeira vez em nossa literatura, em 1859, Firmina dar vez e voz aos cativos e tenta

perceber a escravidão sobre a lógica social dos próprios escravos. O escravo firminiano, como já disse, não é apenas vítima passiva da escravidão, mas dotado de humanidade, caráter e saudoso de uma mãe- África ausente. Por tudo isso, acreditamos que a voz de Maria Firmina merece ser ouvida mais uma vez!

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

CARVALHO, Claunísio Amorim. “Imagens do negro na literatura brasileira do século XIX: uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.” In: **Ciências Humanas em Revista**, vol. 4, n. 2, 2006, pp 53-69.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

_____. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira” Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A Escrava**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.